

## **TERRITÓRIOS AFETIVOS: CARTOGRAFIA DO ACONCHEGO COMO UMA CARTOGRAFIA DE PODER<sup>1</sup>**

**Jan Simon Dutta<sup>1</sup>**

Universidade de Bayreuth, Bayreuth, Alemanha

Email: jan.dutta@uni-bayreuth.de

### **Resumo**

Este artigo apresenta uma abordagem ‘afetiva’ para o estudo de território e territorialidade. Sabe-se que discussões anteriores de ‘territorialidade’ têm comumente se concentrado nas dimensões simbólicas. Quando o ‘afeto’ e as emoções foram abordados, na maioria das vezes foi em relação ao ‘vínculo topofílico’ das pessoas com o território. Este artigo sugere o entendimento tanto dos processos de reterritorialização como desterritorialização como inerentemente afetivos. Isso chama atenção para como uma série de ‘vetores’ afetivos – inclusive o medo e o aconchego – intensificam ou atenuam re e desterritorializações. Além disso, projeta uma nova luz sobre a formação de capacidades de agir no contexto espacial. Para desenvolver esse argumento, o artigo se apoia em abordagens de ‘afeto’ inspiradas pelas leituras de Espinosa apresentadas por Gilles Deleuze. O texto também usa exemplos de medo e de aconchego para ilustrar algumas das questões analíticas apresentadas. O que emerge é uma cartografia afetiva que pressupõe o entendimento de relações de poder como afetivas, tornando distinções prévias entre ‘território’ e ‘territorialidade’ questionáveis.

**Palavras-chave:** Território; Territorialidade; Afeto; Topofilia; Medo; Aconchego.

## **AFFECTIVE TERRITORIES: CARTOGRAPHY OF ACONCHEGO AS CARTOGRAPHY OF POWER**

### **Abstract**

The paper introduces an affective approach to the study of territory and territoriality. Previous discussions of ‘territoriality’, it is shown, have commonly focused on symbolic dimensions. Where affect has been addressed, it has been mostly in relation to the ‘topophilic bond’ of people and territory. Instead, the paper suggests understanding both re- and deterritorialization processes as inherently affective. This draws attention to how a series of affective ‘vectors’ – including fear and aconchego – intensify or dampen de- and reterritorializations. Moreover, it sheds new light on the formation of capacities of acting in spatial context. To develop this argument, the paper draws on approaches to affect that are inspired by Gilles Deleuze’s reading of Spinoza. It then uses the examples of fear and what in Portuguese is called aconchego to illustrate some of the analytic questions thus arising. What emerges is an affective cartography that entails understanding power relations as affective, rendering previous distinctions between ‘territory’ and ‘territoriality’ questionable.

**Key words:** Territory; Territoriality; Affect; Topophilia; Fear.

---

<sup>1</sup> Este texto foi publicado originalmente em inglês na Revista Geografia em Atos, v. 5, n. 12 de 2019. Esta tradução foi realizada por Silvana Prado.

## **TERRITÓRIOS ‘AFECTIVOS’: CARTOGRAFÍA DE ACONCHEGO COMO CARTOGRAFÍA DEL PODER**

### **Resumen**

El artículo introduce un enfoque afectivo al estudio del territorio y la territorialidad. Las discusiones anteriores sobre la "territorialidad", como se muestra, se han centrado comúnmente en dimensiones simbólicas. Donde se ha abordado el afecto, ha sido principalmente en relación con el "vínculo topofílico" de las personas y el territorio. En su lugar, el documento sugiere entender los procesos de re y desterritorialización como inherentemente afectivos. Esto llama la atención sobre cómo una serie de "vectores" afectivos, incluidos el miedo y el aconchego, intensifican o amortiguan las desterritorializaciones y las reterritorializaciones. Además, arroja nueva luz sobre la formación de capacidades de actuar en un contexto espacial. Para desarrollar este argumento, el documento se basa en los enfoques de afecto que se inspiran en la lectura de Spinoza de Gilles Deleuze. Luego utiliza los ejemplos de miedo y lo que en portugués se llama aconchego para ilustrar algunas de las preguntas analíticas que surgen. Lo que surge es una cartografía afectiva que implica entender las relaciones de poder como afectivas, lo que hace dudosas las distinciones anteriores entre "territorio" y "territorialidad".

**Palabras-clave:** Territorio; Territorialidad; Afecto; Topofilia; Miedo.

### **Introdução**

Os territórios são inerentemente afetivos, isso parece estar claro. Sua dimensão afetiva até agora tem sido tratada através de noções como ‘topofilia’ e ‘lugar’, o que enfatiza o elo entre as pessoas e um lugar. Frequentemente, o termo ‘territorialidade’ tem sido utilizado para enfatizar a apropriação subjetiva do território e a construção de uma identidade territorial através de registros simbólicos, em oposição ao ‘território’, que é comumente relacionado à dominação político-econômica dos atores e ao controle de espaços (HAESBAERT, 2004). Entretanto, os espaços que as pessoas habitam são geradores de uma multiplicidade de dinâmicas ‘afetivas’ que vão além da topofilia – o amor pelo lugar – ou seu oposto, a topofobia e o medo. ‘Afetos’ – em um sentido mais amplo derivado da filosofia e da psicologia – tais como confiança, curiosidade, raiva, vergonha, nojo ou culpa frequentemente se formam através das relações espaciais (ver ANDERSON, 2014; BONDI et al., 2005). Tais dinâmicas afetivas e emocionais podem ser vistas como integradas às práticas sociais contínuas (WETHERELL, 2012). Além disso, embora os territórios não sejam apenas experimentados afetivamente, os afetos também moldam as capacidades de habitar a territorialidade ou deixá-la, ou seja, reterritorializar e desterritorializar o espaço. O foco deste artigo é essa dimensão afetiva da desterritorialização e da reterritorialização.

Enquanto escrevo, estou sob a impressão dos medos e ansiedades – especialmente da esquerda – que têm circulado no Brasil e no exterior em conexão com a eleição de Jair Bolsonaro como presidente em outubro de 2018. Estudiosos de diversas disciplinas tem investigado o papel dos afetos e das emoções nas contestações políticas (AHMED, 2014; GOODWIN et al., 2009; GOULD, 2009; GAMMERL et al., 2017; PUAR, 2011). Mas, os eventos brasileiros têm destacado como as capacidades de habitar, apropriar-se e controlar os espaços – em outras palavras, processos de territorialização – estão conectados a afetos. As capacidades de criar territórios em espaços urbanos e rurais tem sido radicalmente limitadas para alguns – especialmente através do medo – enquanto têm sido aumentadas para outros – especialmente para aqueles que estilizam Bolsonaro como uma figura de esperança e redenção (HUTTA, 2019).

Tendo em mente essa dimensão afetiva dos processos de territorialização, neste artigo eu quero reorientar a abordagem prevalente de afeto das discussões prévias sobre territorialidade de três formas. Primeiro, eu sugiro que o afeto é um indicativo de modificações nas capacidades de agir – uma modificação que resulta dos encontros de um corpo em suas interações com outros corpos. O afeto sob esse entendimento – que é inspirado pela leitura de Espinosa apresentada por Gilles Deleuze – é mais do que uma valorização subjetiva dos indivíduos: é um dinamismo relacional se desdobrando entre corpos em interação em e com o espaço. Segundo, com base nesse entendimento, eu sugiro que os afetos não são apenas expressados ou experimentados *no* território, eles também *constituem* o território (e sua anulação). Terceiro, eu defendo que a topofilia não é a relação afetiva única ou primária entre os sujeitos e os territórios, conforme tem sido frequentemente sugerido. Ainda, eu considero as relações entre afeto, por um lado, e desterritorialização ou reterritorialização, por outro, como contingentes: a reterritorialização pode ocorrer junto com o afeto negativo, assim como a desterritorialização pode despertar o afeto positivo.

Conforme demonstrarei, essas três reorientações – em direção às modificações afetivas na capacidade de agir; em direção à força constitutiva do afeto e em direção às relações contingentes entre afeto e desterritorialização ou reterritorialização – desafiam profundamente as escritas sobre modernização e urbanização em geografia e sociologia que tem associado territorialidade com topofilia e a realização do potencial humano, e a desterritorialização com alienação e medo. Além disso, essas reorientações também nos permitirão reconsiderar as relações entre ‘território’ e ‘territorialidade’. O dinamismo

afetivo, no entendimento proposto, subsiste não apenas dentro das ‘territorialidades’ significativas para as pessoas, mas também dentro dos poderosos processos através dos quais os ‘territórios’ políticos e econômicos são criados ou destruídos. Em um entendimento pós-humanista, os ‘territórios’ podem ser considerados tão afetivos quanto as ‘territorialidades’ – mesmo que seu ‘afeto’ não resida necessariamente dentro da experiência de um sujeito. Este artigo é, portanto, um convite ao estudo da formação afetiva das capacidades de agir no espaço – seja com o significado de habitação, apropriação, dominação, ou outro qualquer.

Na sequência, primeiro discutirei como o afeto e as emoções têm sido abordadas nas discussões anteriores sobre territorialidade, argumentando que o afeto tem sido frequentemente deixado de lado, devido a um foco em símbolos, representações e valores. Eu então apresentarei um entendimento de afeto como um ‘vetor’ poderoso que intensifica ou ameniza os processos de desterritorialização e reterritorialização, que são simultaneamente ‘sentidos’ de uma certa maneira. Para dar consistência a esse entendimento, eu primeiro comentarei as discussões de medo na cidade e topofilia e então argumentarei a favor de um engajamento renovado com afetos prazerosos tais como aconchego. Tal engajamento, eu sugiro, não apenas ajuda a iluminar ainda mais a questão do poder – que tem sido central na noção de ‘território’ – mas também abre caminhos produtivos para uma abordagem à constituição contingente e o desfazer do território além da noção idealizada de topofilia e do discurso teleológico de modernização.

### **Território/territorialidade – além de símbolos e valores?**

A noção de territorialidade na geografia latino-americana tem aberto uma arena vital para a discussão das formações espaciais de identidades, processos de subjetificação, bem como contestações e resistência. Marcos Aurelio SAQUET e Eliseu Savério SPÓSITO entendem ‘territorialidade’ como “a qualidade que o território ganha de acordo com a sua utilização ou apreensão pelo ser humano” (2009 p. 11). Esse entendimento parte das abordagens humanistas em geografia, que nos anos 70 e 80 buscaram contrariar a orientação quantitativa e positivista da disciplina. Frequentemente, a noção de ‘territorialidade’ é também especificada como “‘imagem’ ou símbolo de um território”, conforme HAESBAERT (2007 p. 40) observa. O uso dessa noção de territorialidades tem lançado uma visão sobre como os sujeitos se apropriam de espaços materiais e imaginados

e como território e identidade co-constituem um ao outro – seja nas práticas progressistas dos ‘movimentos territoriais’ discutidas por Raúl ZIBECCHI (2015), ou nas delimitações territoriais de nacionalismo e “essencialização identitária” (HAESBAERT 2007, p. 50; ver também ARAUJO e HAESBAERT, 2007). Essa abordagem tem complementado as análises de dominação política dos processos de territorialização – classicamente focados no controle dos recursos e das pessoas – com uma investigação das dimensões culturais. HAESBAERT, portanto, propõe um entendimento integrado,

para encarar sempre o território dentro de um *continuum* que se estende da apropriação mais especificamente simbólica (no seu extremo, uma ‘territorialidade sem território’) até a dominação funcional em sentido mais estrito (no seu extremo, mas apenas enquanto ‘tipo ideal’, um ‘território estritamente funcional’) (2007 p. 40).

Entretanto, enquanto se prestam a tal entendimento integrado das dimensões culturais e materiais, as práticas culturais de territorialização têm na sua maioria sido conceituadas em termos linguísticos e iconográficos – consoante com a maior parte da teoria sócio-cultural informada pelo estruturalismo, pós-estruturalismo e interacionismo simbólico. Essa dimensão simbólica aparece, por exemplo, quando HAESBAERT observa – citando seu trabalho anterior – “não há território sem algum tipo de identificação e *valorização simbólica* (positiva ou negativa) do espaço pelos seus habitantes” (2007 p. 38; grifo meu). E além disso, de acordo com Bourdieu,

Hoje, num mundo em que o simbolismo da cultura é presença fundamental em todas as esferas da vida, o território não poderia fugir à regra e se vê cada vez mais mergulhado nas tramas de um ‘poder simbólico’ [Bourdieu] que tudo parece arrebatar (IBID.).

Em uma visão similar, Araujo entende ‘território’ como “uma taxonomia [...] objetivada através do referimento geodésico relacional de signos” (ARAUJO, 2007 p. 24). Da mesma forma, o engajamento renovado com o geógrafo francês Jean Gottmann, que propôs um tipo de concepção ‘psicosomática’ de território (MUSCARÀ, 2009), tem girado principalmente em torno de uma dimensão ‘iconográfica’ de território.

Com certeza, trabalhos com essa visão têm demonstrado a grande importância do simbolismo e da iconografia nas formações espaciais em diversas escalas. Por exemplo, tem-se demonstrado que a territorialidade exerce um poder significativo na formação da ‘comunidade imaginada’ (B. Anderson) de um Estado-nação ou no desenvolvimento de uma iconografia que torne o espaço reconhecível como uma paisagem regional. Trabalhos

com foco em identidades e relações contestadas entre os grupos dominantes e subalternos têm também exposto como significados específicos são atribuídos a elementos espaciais em processos de apropriação e desapropriação. Além disso, as discussões sobre ‘trans-’ e ‘multi-territorialidade’ (HAESBAERT, 2004) têm investigado as modificações simbólicas e representacionais em contextos de migração e diáspora, também apontando a importância da memorialização e espaços de imaginação.

Conforme já argumentei na introdução, entretanto, os processos de desterritorialização e reterritorialização não são apenas cheios de significados, eles são também inerentemente afetivos. Qual o papel da afetividade nessas discussões, então? O afeto tem paradoxalmente sido enfatizado e negligenciado ao mesmo tempo. Por um lado, o papel do afeto tem sido considerado central. O termo frequentemente aparece nas definições de território e territorialidade, por exemplo no dicionário de Brunet et al.’s, *Les Mots de la Géographie*, onde uma das diversas definições especifica território como uma noção que é ao mesmo tempo “jurídica, social e cultural, e mesmo afetiva” (citado em HAESBAERT 2004: 39; grifo meu). Sob a mesma perspectiva, Marcos Aurelio SAQUET observa, “Os humanos têm centralidade na formação de cada território: cristalizando relações de influência, *afetivas*, simbólicas, conflitos, identidades etc.” (2009 p. 85; grifo meu). A dimensão afetiva do território é comumente igualada nesses debates com o que os geógrafos franceses Bonnemaïson e Cambrézy chamam de um ‘princípio de identificação’ e ‘pertencimento’. Esse princípio, eles acrescentam, “explica a intensidade da relação ao território” (citado em HAESBAERT, 2004 p. 72). E ainda, o território “não pode ser percebido apenas como uma posse ou como uma entidade exterior à sociedade que o habita. É uma parcela de identidade, *fonte de uma relação de essência afetiva ou mesmo amorosa ao espaço.*” (IBID.; grifo meu)

Essa ideia de uma relação afetivamente ‘intensa’ com o território se origina na noção de ‘topofilia’, ‘amor pelo lugar’, desenvolvida pelo geógrafo humanista Yi-Fu Tuan, seguindo o filósofo francês Gaston Bachelard. O uso dos termos ‘afeto’ e ‘afetivo’ é próximo ao termo com a conotação de ‘ternura’ nas línguas românicas. Voltarei a esse foco (estreito) sobre topofilia e pertencimento mais tarde. O que eu quero enfatizar aqui é que o afetivo é comumente mencionado juntamente com o simbólico; e é a noção do simbólico, mais do que do afetivo, que é normalmente colocada no centro do palco, atribuindo ao afeto a condição de um conceito derivado. Mas a afetividade da territorialidade pode

mesmo ser derivada de sua dimensão simbólica? Vamos dar uma olhada mais de perto nessa atribuição epistemológica do afeto ao simbólico.

A associação das dimensões simbólica e afetiva é particularmente evidente nas vertentes idealistas e humanistas da geografia. Aqui, o simbólico e o afetivo são vistos como dois aspectos relacionados à prática humana de imbuir o espaço com ‘valores’. Bonnemaison and Cambrézy já observaram, “O poder do laço territorial revela que o espaço está *investido de valores* não apenas materiais, mas também éticos, espirituais, *simbólicos e afetivos*” (citado em HAESBAERT, 2004, p. 72; grifo meu). Em uma visão semelhante, ARAUJO (2007) menciona ‘valor’ como o que cria uma síntese entre identidade e território no nível do sentido: “a síntese se dá através do georreferimento do *valor fundante* atribuído à identidade: o brasileiro é um homem cordial; o Brasil é o território da cordialidade” (p. 31; grifo meu). A relação afetiva de ‘cordialidade’ é compreendida aqui como um ‘valor’ da sociedade que está baseado num mito fundante. É através dessa epistemologia de valores que a afetividade, ainda que tratada explicitamente na abordagem humanista, está subordinada ao simbólico: a valorização ‘topofílica’ da vida rural ou a cordialidade são entendidos como aspectos afetivos de um processo maior de valorização que é principalmente simbólico e leva às representações culturais de paisagens e território nacionais. O afeto assim simultaneamente está e não está lá: ele constitui a topofilia, mas, ainda assim, é encoberto pela expressão linguística e dissolvido em ‘valor’.

Há, portanto, uma lacuna conceitual bem no centro da tradição humanista da geografia. Apesar das referências persistentes aos termos afetivos tais como ‘topofilia’ ou ‘pertencimento’, a afetividade não tem sido elaborada com a mesma profundidade do que a iconografia ou a semiótica. Quando a afetividade é tratada nos seus próprios termos, isso normalmente ocorre em relação aos estímulos ambientais percebidos através dos sentidos e que produzem respostas afetivas que são então processadas cognitivamente (e.g. TUAN, 1980). Além do rumo que a pesquisa social tem tomado em decorrência da virada linguística da filosofia ocidental, nós podemos relacionar esse privilégio dado à cognição e à representação com uma história mais longa de favorecer a mente sobre o corpo, e a razão sobre as emoções na filosofia moderna desde Descartes (SPELMAN, 1989). Em geral, podemos então dizer que as ligações com o afeto na geografia humanista caem em uma lacuna no meio de uma ontologia dualista: por um lado a ontologia de ‘percepções’, que se baseia nas abordagens psicológica – e as vezes fenomenológica – que tratam da organização cognitiva dos estímulos ambientais, e por outro, a ontologia dos ‘valores’, que se baseia na

análise das iconografias e representações simbólicas relacionadas a ideais culturais e visões de mundo. Enquanto esses dois planos ontológicos são às vezes relacionados um com o outro – por exemplo quando TUAN (1980) considera como a percepção é influenciada pelos valores – a afetividade percorrendo e excedendo tanto as percepções quanto as representações não tem sido apropriadamente profundada.

### **Abordando o afeto**

Desafiando a tradição humanista, o que tem sido rotulado de ‘teoria do afeto’ – uma variedade diversa de abordagens da geografia, sociologia, psicologia, estudos culturais, feminismo e da teoria queer – tem enfatizado a irredutibilidade do afeto a significado e significação (CLOUGH, 2008; DOWLING *no prelo*; GREGG e SEIGWORTH, 2010; ANDERSON e HARRISON, 2010; LORIMER, 2007). O dinamismo afetivo tem sido apresentado aqui como imanente à própria vida, invés de estar contido na experiência ou percepção de um sujeito (SEIGWORTH e GREGG, 2010; PUAR, 2007; THRIFT, 2004). O ‘afeto’ é aqui entendido, não no sentido de ‘ternura’, mas no sentido filosófico mais amplo. O afeto aqui é visto como fundamentalmente relacional e processual, um entendimento que tem sido especialmente inspirado pela leitura que Gilles DELEUZE (2002) faz do filósofo do Iluminismo Baruch Espinosa. Naquele entendimento, o afeto emerge dos encontros entre os corpos, que persistentemente ‘afetam’ uns aos outros de formas benéficas ou prejudiciais, ‘alegres’ ou ‘entristecedoras’. Ao indicar os encontros benéficos ou prejudiciais, o afeto é visto como um sinalizador de modificações da capacidade de agir dos corpos. Isso acontece por que tal capacidade – o que Espinosa chama de *potentia agendi* – é visto como constituída pelas relações entre os diversos componentes do corpo, que são modificados nos encontros. Bons encontros combinam bem com um corpo, intensificando certas relações. Tais encontros geram um afeto ‘feliz’: eles fazem alguém – ou ao menos parte de algum ‘corpo’ – ‘feliz’, conforme aumentam sua capacidade de agir. Ao contrário, os encontros negativos causam um afeto ‘triste’, conforme eles diminuem sua capacidade de agir. Diferentes corpos são vistos como possuidores de diferentes capacidades de afetar e ser afetados por outros corpos sem ser destruídos. Os encontros, portanto, modificam a intensidade das relações corpóreas, gerando variações contínuas de ‘felicidade’ e ‘tristeza’, mesmo se apenas de formas minúsculas e muito sutis (BROWN e STENNER, 2001).

Essa concepção básica tem facultado uma abordagem analítica que começa a partir das capacidades de agir moldadas nas relações, invés de a partir de necessidades ou valores humanos. Os corpos são definidos aqui, não tanto através de suas formas e propriedades, mas através de suas intensidades, que são relacionadas às suas capacidades específicas de afetar e ser afetados. Como tais capacidades aparecem apenas em encontros e interações relacionais, diferenciar e definir os corpos de forma abstrata é de pouca valia. Conforme DELEUZE e GUATTARI observam em *Mil Platôs*:

Não sabemos nada de um corpo enquanto não sabemos o que pode ele, isto é, quais são seus afectos, como eles podem ou não compor-se com outros afectos, com os afectos de um outro corpo, seja para destruí-lo ou ser destruído por ele, seja para trocar com esse outro corpo ações e paixões, seja para compor com ele um corpo mais potente. (1997 p. 43)

Cada corpo pode então ser visto como composto de outros corpos que entraram em composições afetivas de uma certa intensidade. Por exemplo, as mãos que são capazes de alegremente afetar outros corpos através do toque podem combinar com uma visão atenta e uma fala calma para formar um corpo carinhoso (que não está necessariamente confinado a um indivíduo humano). Dessa forma, alguém pode afetar e ser afetado por uma multiplicidade de corpos em diferentes escalas ao mesmo tempo – incluindo de formas contraditórias. Além disso, os afetos de um corpo entram em constelação com outros afetos. O amor de alguém pode se unir à ambição de outra pessoa, assim como a raiva de alguém pode se combinar com o medo de outra pessoa. O ‘corpo’ é entendido no sentido mais amplo possível aqui. Conforme observado por DELEUZE, “Um corpo pode ser qualquer coisa, pode ser um animal, pode ser um corpo sonoro, pode ser uma alma ou uma ideia, pode ser um *corpus* linguístico, pode ser um corpo social, uma coletividade” (2002 p. 132). Mesmo que nenhum tipo de corpo possa afetar ou combinar-se com qualquer outro tipo de corpo, composições de corpos se moldam através de diferentes registros e em diferentes escalas, gerando arranjos afetivos complexos e com muitos desdobramentos. Eu posso ser afetado ao mesmo tempo por um som, uma ideia, um toque físico, cada ‘afeto’ aumentando ou diminuindo meu poder de agir de uma forma específica, provocando variações de ‘felicidade’ ou ‘tristeza’ que podem se juntar ou causar atrito.

Portanto, pode-se pensar o mundo como composto de encontros, trocas e composições afetivas entre corpos heterogêneos, que persistentemente modificam as capacidades de agir um do outro. Os sujeitos humanos e outros corpos estão implicados nesse dinamismo afetivo, não apenas através de suas percepções ou experiências subjetivas,

mas através da intensificação ou diminuição contínua das relações corpóreas. Embora em princípio as variações de afeto possam ser sentidas, um sujeito não pode sempre completamente percebê-las ou experimentá-las – por esse motivo a percepção não é um alvo epistêmico primário aqui. Essa outra abordagem epistêmica pode iluminar o que Derek McCormack chama de ‘espaços afetivos’. Tais espaços, MCCORMACK argumenta, compartilham três características:

Primeiro, esses espaços são relacionais – eles envolvem relações não redutíveis entre corpos, e entre corpos e outros tipos de coisas, incluindo artefatos, ideias e conceitos, onde nenhuma dessas coisas nem os corpos estão completamente estáveis. Segundo, os espaços afetivos são processuais: ou seja, eles existem como mundos em transformação ontogênica cujas variações podem ser sentidas através de diferentes técnicas de atenção, participação, e envolvimento – técnicas que podem e devem ser cultivadas como parte de um processo de pensar. Terceiro, os espaços afetivos não são representacionais: ou seja, sua força não cruza necessariamente um limiar de representação cognitiva para fazer diferença com o potencial a ser sentido. (2013 p. 4)

Mesmo que eu não concorde que os corpos nunca estão estáveis – isso depende de temporalidade e escala – essas características dão indicações úteis de como os espaços afetivos podem ser abordados. Tais espaços são dinamicamente constituídos através de interações relacionais entre diferentes tipos de corpos. Além disso, uma vez que os corpos envolvidos nos encontros afetivos ‘podem ser qualquer coisa’, os afetos podem ser vistos como sempre perpassando os espaços. Um sujeito que entra num espaço então entra em um dinamismo afetivo com o qual começa a interagir. Em um nível da experiência subjetiva, tal dinamismo pode ser percebido com a ‘atmosfera’ do espaço, que pode ser experimentada como feliz e acolhedora, ou como assustadora e repelente – e frequentemente de formas diferentes por distintos sujeitos (AHMED, 2014). Mas os espaços também podem ser vistos como afetivos independentemente da percepção dos sujeitos. Por exemplo, eu posso deixar a sala de aula após horas de trabalho ensinando sentindo-me revigorado ou exausto, apenas percebendo mais tarde que algo sobre o espaço e suas várias racionalidades tenha sido efetivamente animador ou esgotante. Se considerarmos a multiplicidade das composições e interações de corpos que acontecem em uma sala de aula – que não apenas envolve diversas formas, velocidades e tipos de conversa, mas também formas de olhares e expressões faciais, as posturas e *habitus* de corpos, memórias e imaginações evocadas, bem como a temperatura da sala, barulho, arquitetura ou estética – não deveria ser uma surpresa que eu não seja capaz de perceber

completamente em que nível eu fui positivamente ou negativamente afetado, que composições ou destruições de corpos aconteceram, ou que afetos se combinaram ou estiveram em atrito um com o outro – mesmo que eu possa aprender a tornar-me mais atento a tais dinâmicas. O que pode frequentemente ser claramente sentido, é o *efeito* geral desses vários afetos, conforme eles modificam o poder dos corpos de agir e podem, portanto, ser vistos como ‘forças’ perpassando o espaço.

É esse aspecto ‘de disposição’ do afeto como uma força que molda as capacidades dos corpos que eu quero focar na sequência. Ao mobilizar o entendimento de Deleuze (derivado do filósofo Henri Bergson) de um mundo ‘atual’ que é moldado por relações ‘virtuais’ de força, Ben Anderson observa, “Movimentos de afeto são sempre acompanhados por um nó virtual de tendências e latências reais mas virtuais, que geram diferenças e divergências no que se torna atual.” (ANDERSON, 2006 p. 738) Apesar dessa força afetiva virtual ser frequentemente “vaga”, “frágil” e “fugaz” (IBID.), ela pode ser sentida – como uma ‘atmosfera’, um ‘sentimento’, uma ‘sensação’, um ‘choque’, uma ‘heccidade’... Ela gera modificações “nas múltiplas camadas de sensibilidade a partir da qual o pensamento acontece” (IBID.). Os espaços afetivos, nesse sentido, não apenas são percebidos de uma certa forma, eles também moldam capacidades de percepção, pensamento e ação. Esse entendimento do afeto como uma força virtual de disposição é de uma relevância particular no presente contexto, uma vez que ele revela novas formas de abordagem para a desterritorialização e a reterritorialização.

### **Desterritorialização e reterritorialização afetivas**

Os usos do espaço estão cheios de encontros e interações em e no espaço. Tais encontros e interações podem ser vistos como inerentemente afetivos no sentido de Espinosa: eles moldam capacidades de habitar, agir no e se apropriar dos espaços. Encontros negativos no e com o espaço andam juntos com afetos negativos, que podem ser sentidos e narrados como medo, ansiedades, nojo, vergonha ou culpa, por exemplo. Esses encontros afetivos não ‘se combinam bem’ e, portanto, limitam as capacidades de agir, obstruindo a apropriação dos espaços e a formação do território. Ao contrário, os afetos positivos – ex. alegria, confiança, desejo – se originam em encontros ‘felizes’, que são facilitadores de tal apropriação.

Que implicações isso tem em relação à desterritorialização e reterritorialização? A própria formação do território – e sua dissolução – andam juntos com as variações afetivas: entrar em ou sair de um território, participar de sua construção ou destruição sempre andam juntos com um certo ‘sentimento’, ou seja, provocam alegria ou ansiedade, animação ou frustração, raiva ou vergonha. Isso enfatiza o que eu chamei de força constitutiva do afeto: o afeto não é apenas um efeito que é sentido, é também um motivador ou bloqueador dos processos de desterritorialização e reterritorialização. Quando um processo de desterritorialização é feliz, quando ‘tem uma sensação agradável’, para colocar de uma maneira simples, é mais provável que ganhe tração e seja acelerado; ao passo que quando é infeliz e provoca, vamos dizer, vergonha ou ansiedade, esses afetos podem bloquear o processo de desterritorialização – e o mesmo acontece com a reterritorialização. Nesse sentido, o afeto não é apenas um efeito, é também um motivador ou bloqueador desses processos. Pode ser entendido como um conjunto de *vetores* que instigam ou impedem a desterritorialização ou reterritorialização.

Tal entendimento também revela novos caminhos para a abordagem da própria afetividade do ‘território’. Mesmo antes que qualquer desterritorialização ou reterritorialização aconteça, os espaços podem ser vistos como que atravessados por vetores afetivos, no sentido das disposições virtuais – forças puxando em certa direção – que podem ou não se tornar ‘atuais’ (no sentido de Bergson). Quando tais forças excedem um certo limiar, elas se ‘atualizam’ nos processos de desterritorialização e reterritorialização. Quando esses processos produzem territórios – isto é, criando uma recorrência entre seus elementos constitutivos (HAESBAERT, 2013) – essas forças não param de operar, mesmo que elas possam reduzir ou modificar sua orientação. Ao invés disso, as disposições afetivas que tem dado suporte aos processos de (re)territorialização persistem, ajudando a manter seus elementos juntos – ou puxando na direção contrária à desterritorialização ou reterritorialização. Conforme DELEUZE e GUATTARI observam, “a casa mais fechada está aberta sobre um universo” (1991 p. 233). A consistência territorial é então conectada às forças afetivas.

No entanto, tais forças afetivas não estão limitadas a um ‘elo topofílico’ entre os sujeitos e espaços. O afeto positivo não está necessariamente associado à territorialização, assim como não há uma ligação essencial entre o afeto negativo e a desterritorialização. As relações entre afeto e desterritorialização ou reterritorialização são mais contingentes: a desterritorialização pode dar uma sensação agradável ou não, ela pode aumentar ou

diminuir as capacidades de agir, e o mesmo acontece com a reterritorialização. Além disso, há uma grande variedade sobre o que os processos afetivos de desterritorialização e reterritorialização permitem em qual escala, uma vez que os ‘corpos’ envolvidos podem ‘ser qualquer coisa’ – um estado, uma comunidade, um *habitus*, um corpo de pensamento, e assim por diante. Isso pede uma cartografia de nuances que trace a afetividade atravessando registros múltiplos, incluindo subjetividades, coletividades, arranjos espaciais, bem como configurações discursivas e institucionais. Vamos explorar, então, algumas das questões analíticas que se originam desse entendimento de desterritorialização e reterritorialização afetiva em relação a algumas discussões proeminentes na geografia. Com esse objetivo, eu retomarei o medo do crime nas cidades, por um lado, e a topofilia, por outro, que podem ser abordados a partir de tal perspectiva afetiva.

### **Uma abordagem afetiva do medo**

As discussões sobre medo na cidade têm contribuído com um entendimento diferenciado de como o afeto negativo está ligado à vida urbana através da arquitetura, do planejamento urbano e da construção de grupos subalternos como ‘perigosos’ (BANNISTER e FYFE, 2001; ENGLAND e SIMON, 2010; SHIRLOW e PAIN, 2003). Não menos no contexto pós-colonial das cidades latino-americanas, os discursos de medo têm sido moldados pelas reformas urbanas e o policiamento do século XIX, associando as populações negras e pobres com doença, delinquência e ‘desordem’ (BATISTA, 2003). Com a proliferação das inseguranças e novas formas de exclusão relacionadas às transformações neoliberais, bem como a expansão dos mercados ilícitos e atores violentos armados, as preocupações com a violência têm levado a uma intensificação das narrativas do medo, também instigadas pela cobertura midiática excessiva (SOUZA, 2008). Tais narrativas – e as experiências reais com as quais estão associadas – tornaram as intervenções policiais militarizadas bem como a expansão do setor de segurança privada nas comunidades de classe média parecerem naturais (CALDEIRA, 2000; SPOSITO e GÓES, 2013; SOUZA, 2008). Ao mesmo tempo, especialmente as mulheres (brancas) têm sido socialmente construídas como naturalmente amedrontadas e necessitando proteção masculina (VALENTINE, 1989). Geógrafas feministas em particular têm enfatizado como o medo de ataques limita os movimentos das mulheres e outros sujeitos subalternos no espaço urbano (PAIN, 1997).

Todas essas discussões sugerem que o medo pode ser entendido como um dinamismo variado que opera através das políticas urbanas, desenvolvimento espacial, formações discursivas e práticas vividas. Essa complexidade, porém, leva a uma imprecisão conceitual sobre as relações entre registros afetivos e discursivos. Nos escritos humanistas, há uma tendência de ver o medo como uma emoção que emerge das ‘paisagens’ materiais e representacionais que os humanos constroem em face da insegurança e vulnerabilidade ontológicas (TUAN, 1979). Em muitas das escritas sobre a geografia urbana, o foco de análise é ainda mais fortemente observado nas representações sociais de violência e nas construções discursivas de insegurança. Enquanto esse foco nas representações e discursos é vital para o entendimento de como o medo opera, ele não informa como o medo opera como um vetor de desterritorialização e reterritorialização. Um foco mais atento na remodelagem das capacidades de agir através da dinâmica afetiva pode aumentar nosso entendimento desses processos.

Como ponto de partida, podemos nos apoiar nas escritas que tem apresentado o medo na cidade como uma dinâmica limitadora e até mesmo prejudicial. Elizabeth Stanko, por exemplo, vê o medo “como uma força destrutiva, que interfere com a participação completa na vida diária em uma sociedade civilizada” (citado em ENGLAND e SIMON, 2010 p. 203). Mas, o que significa ‘força destrutiva’, e como ela opera? Existem muitas formas diferentes com as quais o medo pode impedir a participação das pessoas na vida diária, incluindo através de um comportamento de esquiva ou de formas discriminatórias de medidas de segurança. Para mencionar algumas das dinâmicas afetivas em funcionamento aqui, quero oferecer uma releitura do relato de Teresa CALDEIRA’s (2000) sobre como os eventos foram narrados e introduzidos nas práticas sociais no contexto de São Paulo por volta de 1990.

Na sua discussão de narrativas de medo em São Paulo, Caldeira observa que muitos dos residentes da comunidade da sua pesquisa se referiam a eventos traumáticos de violência que causaram um rompimento de seu uso confiante dos espaços. “Eles representam um acontecimento”, a autora comenta, “que teve o poder de interromper o fluxo monótono do dia a dia, mudando sua essência para sempre; um acontecimento que se sobressai por causa de seu absurdo e sua gratuidade.” (CALDEIRA, 2000 p. 33) Em uma leitura afetiva, esse ‘acontecimento’ pode ser visto como um encontro que intervém no nível das intensidades do corpo. Algo nas relações de um corpo com outros corpos, que tenham formado um ‘fluxo monótono do dia a dia’, é permanentemente alterado. Talvez a

memória de um sentimento de enfraquecimento ou vergonha se junte ao ato de sair de casa e pegar o ônibus; talvez o uso de certos espaços provoque uma tensão defensiva no corpo que acelera o ritmo da caminhada; talvez uma expressão facial em outras pessoas assinale o perigo. Sejam quais forem as modificações nas relações corporais, o que é narrado como um medo persistente tem o efeito de limitar as capacidades afetivas de habitar os espaços: “A vida não caminha do mesmo jeito que antes. Como muitos me disseram repetidamente: ‘Esse medo você nunca mais perde.’” (IBID.) O resultado, são frequentemente reações como:

cercar a casa, mudar de endereço, controlar as atividades das crianças, contratar seguranças, não sair à noite, evitar certas áreas da cidade e assim por diante, ações essas que reforçam um sentimento de perda e restrição assim como uma sensação de uma existência caótica num lugar perigoso. (IBID.)

Essa passagem também sugere que os afetos tais como sentimentos de perda e restrição podem combinar-se com o medo, produzindo uma paisagem complexa de afetos que se reforçam mutuamente. Resultando de um acontecimento afetivo – um ‘encontro’ conturbado – o medo então causa uma ruptura nas relações das pessoas com o espaço, impedindo-os de se apropriar desses espaços, ou incentivando-os ao autoisolamento e medidas de segurança.

O acontecimento afetivo não é, entretanto, limitado a uma ocorrência única. Ao invés disso, ele reverbera através das memórias e, mais importante, sua narrativa. Na verdade, Caldeira descobriu que o ato de recontar eventos violentos em diferentes situações sociais levou à formação de narrativas de crime que eram simplisticamente organizadas em torno de um ‘antes’ harmonioso e um ‘depois’ violento bem como descrições estereotípicas de ameaças. Encontros afetivos podem, portanto, também revelar como as memórias são inseridas no discurso social. Uma consideração mais cuidadosa do dinamismo afetivo em funcionamento levanta outras questões. Em que medida as narrativas de medo são mobilizadas como uma estratégia discursiva de legitimação? Onde a arquitetura defensiva e as medidas de segurança tornam-se formas rotineiras de reterritorialização que operam através de conjunturas de estratégias de investimento, planejamento e governo? Quando as ações defensivas são moldadas por aspirações de um estilo de vida da classe média? Em que medida o medo e o desejo alimentam ou deslocam um ao outro? Em sua pesquisa em pequenas cidades brasileiras, SPOSITO e GÓES (2013) descobriram, por exemplo, que articulações de medo são frequentemente acumuladas através dos discursos midiáticos, em

vez de baseados em experiências reais. Da mesma forma, na minha própria pesquisa em Berlin-Neukölln (HUTTA, 2009), encontrei uma residente que em uma reunião de condomínio defendeu a instalação de câmeras de vigilância, dizendo que elas faziam com que as pessoas se sentissem mais seguras, enquanto em uma entrevista posterior afirmou que ela mesma, na verdade, nunca sentiu medo.

Então, considerar se as dinâmicas afetivas são intensificadas através das narrativas, ou se os discursos são proferidos sem uma afetividade correspondente é importante, especialmente para os propósitos da pesquisa que luta pela transformação social. Se o medo circula como uma figura discursiva para a legitimação das medidas de segurança, então ao analisar como os sujeitos e lugares ‘perigosos’, bem como as posições de ‘vítimas’ e ‘perpetradores’ são socialmente construídos é extremamente relevante. Na medida em que o medo também molda a capacidade de agir no espaço em um nível afetivo, as intervenções discursivas podem ser insuficientes. Um melhor entendimento de como o medo é intensificado, reduzido ou transformado é também necessário neste caso. Intervir no nível do afeto significa primeiramente alterar suas condições de emergência. Por exemplo, de acordo com a tal ‘tese do controle social’, o medo aumenta quando as pessoas não podem exercer controle sobre suas próprias vidas ou sobre o comportamento dos outros (BANNISTER e FYFE, 2001 p. 809). Além disso, práticas espaciais ‘corajosas’, tais como caminhar nas ruas com confiança, podem ser cultivadas de forma que aqueles(as) que são comumente vistos(as) como vulneráveis – especialmente mulheres – “possam utilizar seu espaço e aproveitar” (KOSKELA, 1997 p. 305). Além disso, o dinamismo afetivo no qual o medo está situado pode ser estendido para além do nível individual. Conforme SHIRLOW e PAIN perspicazmente observaram, “o medo pode funcionar de formas mais positivas e menos socialmente desagregadoras ao juntar as pessoas para lutar contra a injustiça e crimes de ódio” (2003, pp. 22-23). Como um exemplo, os autores mencionam “os bairros onde as comunidades têm protestado contra os ataques àqueles que procuram asilo e aos Muçulmanos” (IBID.). Tal perspectiva dos efeitos transformadores do medo indicam que a mesma intensidade que limita o poder dos sujeitos de agir pode também modular-se em uma intensidade capacitadora (da mesma forma na qual Sigmund Freud descreveu as transformações de agressivo para libidinoso e vice-versa).

Finalmente, os mesmos autores indicam a necessidade de considerar cuidadosamente as escalas e registros através dos quais os afetos de medo operam quando observam que “o medo e o risco podem ser prazerosos para alguns grupos em certos

locais” (SHIRLOW e PAIN, 2003, p. 24). Enquanto afeto negativo, o medo primeiramente sugere uma diminuição das capacidades de um corpo agir, em outro nível ele pode produzir uma emoção prazerosa de risco e perda de controle. Pois, como já observado por TUAN, “It is a mistake to think that human beings always seek stability and order” (1979, p. 10). Se queremos entender a importância do medo na relação de desterritorialização e reterritorialização não é suficiente aceitar que o medo prejudica a apropriação de espaços. Ao invés disso, nós precisamos investigar os processos específicos de desterritorialização e reterritorialização com os quais ele está associado. Além disso, quando nosso interesse se concentra nos processos emancipatórios e capacitadores de espacialização, uma abordagem afetiva também requer um engajamento com os afetos que indicam uma melhoria nas capacidades de agir. É na direção desses afetos que olharemos em seguida.

### **Da topofilia à cartografia do aconchego**

Movimentos de desterritorialização ou reterritorialização e afeto positivo podem ser mutuamente reforçadores. As intensidades de alegria, orgulho ou erotismo que permeiam a parada LGBT podem – ao menos temporariamente – afastar as ansiedades que tem impedido a apropriação dessas pessoas das ruas da cidade. Assim como o medo, tais afetos felizes podem permanecer para além de sua ocorrência singular, reverberando através de narrativas e imagens. Nesse mesmo sentido, Michael HARDT e Antonio NEGRI (2011) têm discutido como as políticas transformadoras podem ser mobilizadas através de uma intensificação de encontros ‘felizes’ nas cidades. A *des*-territorialização da organização espacial prevalente – o código heteronormativo de signos e práticas, a orientação em direção ao individualismo competitivo, e assim por diante – anda de mãos dadas com afetos positivos aqui. Ao mesmo tempo, as *re*-territorializações felizes que criam novas capacidades de agir podem ocorrer através da proliferação de novos significados, práticas e estruturas.

Essa forma de considerar o afeto positivo em conexão tanto com a desterritorialização quanto com a reterritorialização difere das discussões de veia humanista que têm se baseado no que BACHELARD (1998) chama de ‘topofilia’, literalmente: ‘o amor ao lugar’. TUAN chama de topofilia “o elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico” (1980 p. 5). Enquanto a abordagem de Tuan enfatiza uma variedade de

dimensões através das quais as relações felizes com os lugares são criadas – desde o prazer visual e contato físico ou percepções de saúde e vitalidade a um senso de familiaridade e propriedade ou sonhos de um mundo ideal – tal abordagem é limitada ao ‘elo’ que conecta as pessoas aos lugares e é associada com aspectos de familiaridade e propriedade. A geografia humanista continua aqui a metafísica de Martin Heidegger de moradia e habitação, onde o ser humano autêntico no mundo significa a acumulação de memórias de intimidade conectada ao lugar. Sob esse ponto de vista, o potencial humano é realizado primeira e principalmente onde as pessoas moram e criam raízes, ao passo que o movimento e a transformação – conforme instigado pela circulação intensificada de bens e pessoas sob o capitalismo globalizado – são associados com alienação. Tal “metafísica sedentarista” (CRESSWELL, 2006 p. 26) tem sido desafiada por diversos estudiosos que tem questionado a “essencialização identitária” (HAESBAERT, 2007 p. 50) do lugar, bem como a idealização de ‘lar’ como um lugar de refúgio (e.g. ROSE, 1993).

Para mover-se da concepção idealista de toponímia como elo autêntico entre sujeito e espaço em direção a uma análise da relação contingente entre afetos positivos e reterritorialização *ou* desterritorialização, eu proponho uma cartografia afetiva de segurança no sentido da noção alemã de ‘*Geborgenheit*’, ou o que em português pode ser chamado de ‘aconchego’ (HUTTA, 2009; 2015). Essas noções diferem dos entendimentos de segurança e proteção na discussão do medo, onde a segurança é definida em termos negativos (ausência de medo). Ao invés disso, *geborgenheit* e aconchego são constituídos através de intensidades afetivas positivas. Eles denotam uma dinâmica relacional de ‘abrigar’ e ‘aninhar-se’: dinâmica entre, de um lado, um contexto espacial – seja inter-subjetivo, coletivo, material, narrado ou imaginado – que é capaz de abrigar alguém ou algum tipo de corpo e, de outro lado, a capacidade do corpo de confortavelmente entrar, sentir-se à vontade ou abrir-se em direção a essa espacialidade. A análise nessa cartografia afetiva está focada, não tanto nas relações toponímicas que possa criar, mas sim no papel das intensidades do aconchego nas desterritorializações e reterritorializações. Enquanto que a toponímia tem sido até agora associada exclusivamente com a afirmação de território e pertencimento (territorialização/reterritorialização), meu objetivo é chamar atenção para os processos contingentes de reterritorialização *e* desterritorialização.

O aconchego pode ser parte de processos hegemônicos como também subalternos de desterritorialização e reterritorialização. Além disso, ele pode figurar em tais processos sem diretamente indicar algum tipo de elo entre as pessoas e lugares. Por

exemplo, as imagens do século XIX de famílias brasileiras de descendência portuguesa frequentemente representam cenas aconchegantes, onde os membros da família estão afetivamente orientados na direção um do outro, os corpos dos adultos formando um ambiente acolhedor para as crianças. Tais cenas de aconchego caseiro têm sido, ao mesmo tempo, constitutivas de práticas de reterritorialização heterossexuais e racistas dos senhores de terras patriarcais, que têm sido ancoradas nas relações de família (FARIA, 2001). De uma perspectiva afetiva, a questão aqui não é apenas como a família foi imaginada ou representada, mas como as intensidades afetivas que ela instigou tenham sido vinculadas em práticas de reterritorialização, por exemplo, ao promover relações de dependência (HUTTA, 2019). As formas nas quais as dinâmicas afetivas são constitutivas de territorialidade são, portanto, muito mais complexas do que o foco na topofilia sugere.

Da mesma forma, as intensidades de aconchego podem ser constitutivas de desterritorializações e reterritorializações subalternas. No poema que um participante de uma das minhas oficinas de pesquisa escreveu, o aconchego é encontrado a partir do *lar* através do *mar* e do *bar*, a partir do “aconchego de um Barão” ao “de qualquer outro ‘varão’”<sup>2</sup>. Escrito e recitado por um artista gay, a evocação de aconchego através de diversos espaços – íntimos e/ou heteronormativos (*o lar*), espaços abertos e públicos (*o mar, o bar*), espaços de relações homoeróticas (aconchego de um Barão/de qualquer outro ‘varão’) – instiga vetores de desterritorialização e reterritorialização que podem ou não se atualizarem em territórios materiais. Em outro poema queer, a artista trans negra Linn da Quebrada invoca o ‘*cool aconchegante*’, brincando com os homófonos ‘*cool*’/ ‘*cu*’. Tal afirmação sinaliza a desterritorialização e reterritorialização do próprio corpo através de intensidades de aconchego, implicitamente confrontando a longa história de sanções legais e morais impostas aos prazeres anais sob a colonização cristã. A mobilização das intensidades de aconchego pode ser encontrada nas práticas culturais da diáspora africana ou em técnicas caseiras das pessoas que não têm uma moradia estável.

Dessa forma, traçando o aconchego através de diferentes lugares pode enfatizar uma variedade de dinâmicas afetivas que instigam os movimentos de desterritorialização e reterritorialização, que podem se tornar atuais na formação de territórios (ou não). Tal análise poderia ainda ser mais elaborada por investigações de vetores afetivos que subsistem dentro de dados territórios, e como esses vetores mantêm os territórios coesos

---

<sup>2</sup> Essas palavras e versos são retirados do poema de Marcello Taurino, O Aconchego, publicado e discutido em Dutta (2015).

ou os dividem. Além de escrutinar o elo entre as pessoas e o lugar, é portanto importante investigar os processos de desterritorialização e reterritorialização nos quais mobilizações hegemônicas e também subalternas de afetos tais como aconchego estão implicadas. Tal cartografia afetiva não descreve somente como as pessoas experimentam seus ambientes espaciais. Em vista dos processos multiescalares de afetar e ser afetado nos quais qualquer experiência está situada, a cartografia afetiva é também sobre a dinâmica do poder.

### **Territórios afetivos: uma questão de poder**

Considerar o afeto em conexão com a desterritorialização e a reterritorialização desafia as distinções entre ‘territorialidade’ como significativo e ‘território’ como político, econômico e funcional. Isso é porque a desterritorialização e reterritorialização afetivas operam não apenas através da semiótica, as representações e experiência subjetiva, mas também através de registros políticos, econômicos e materiais. O território é ‘afetivo’ não apenas na medida em que as pessoas se sentem ligadas a um contexto espacial; ao invés disso, os processos poderosos de desterritorialização e reterritorialização que formam as condições para experiências subjetivas são inerentemente afetivos. As relações de poder podem ser vistas aqui como capacidades moldadoras para afetar e ser afetado como parte de processos de desterritorialização e reterritorialização que acontecem de formas multiescalares. Conforme observado por Ben ANDERSON em sua discussão da ‘virada afetiva’, “as formas de poder funcionam através da vida afetiva. [...] Entender como o poder funciona no início do século XXI requer que investiguemos como o poder opera através do afeto e como a vida afetiva está imbuída de relações de poder [...]” (2014 p. 8)

Tal foco no poder move a cartografia do afeto diretamente para dentro da discussão geográfica de ‘território’. Marcos Aurelio SAQUET, por exemplo, considera as relações de poder como “campos de força econômicos, políticos e culturais ([i-]materiais) com uma miríade de combinações” (2009 p. 82). Da mesma forma, Marcelo Lopes de SOUZA (2009 p. 67) discute os ‘campos de força’ do poder espacializado, invocando a noção de Foucault da ‘microfísica do poder’. Além disso, Saquet e Lopes de Souza, juntamente com Haesbaert e outros, têm chamado a atenção para a consideração de qualquer território em relação a processos de desterritorialização e reterritorialização. O foco sobre os afetos pode iluminar ainda mais como tais ‘campos de força’ estão simultaneamente conectados aos processos de desterritorialização e reterritorialização que

são impulsionados pelos vetores de disposição afetiva. Gilles Deleuze e Félix Guattari têm explicitamente desenvolvido uma leitura afetiva do poder. Em *Mil Platôs*, DELEUZE e GUATTARI (1997) apresentam ‘diagramas’ de poder – um termo que Foucault usa para descrever o panóptico de Jeremy Bentham – como tecnologias que reterritorializam capacidades do corpo de afetar e ser afetado. Por exemplo, dentro da alçada do panóptico, os sujeitos tornam-se governáveis através de sua atenção ao olhar controlador – uma forma específica de suas capacidades serem afetadas que sinaliza um processo de reterritorialização. Em sua discussão subsequente de Foucault, DELEUZE (2013) estende a visão em direção aos vetores de *desterritorialização* que subsistem dentro de qualquer diagrama. Enquanto o diagrama de Foucault designa a “determinação de um conjunto de relações de forças”, DELEUZE observa, essa determinação “jamais esgota a força, que pode entrar em outras relações e dentro de outras composições” (2013 p. 96). Os diagramas que ‘determinam’ as capacidades de afetar e ser afetado são, portanto atravessados pelos vetores que apontam em direção a ‘outras composições’. Por exemplo, o sujeito alvo de um panóptico pode transformar o olhar normalizador em um afeto erótico, ou ele pode usar a sensibilização aumentada com relação ao ser visto como um meio de escapar ao controle. Tais respostas, então, redirecionam as forças que compõem uma determinada formação do poder, gerando outros tipos de afetos e vetores fortalecedores da desterritorialização e reterritorialização.

Nesse sentido, dinâmicas afetivas, agem como forças constitutivas, intensificando, atenuando ou re-orientando as desterritorializações e reterritorializações. Impondo normas ou fazer paradas nas ruas, prendendo pessoas e tornando-se prisioneiras, demolindo casas ou sendo despejadas, lembrando-se de um assalto ou criando medidas de segurança para um bairro, abrigando alguém ou aninhando-se – todos esses processos e práticas espaciais têm um certo ‘sentir’ neles. Esses sentimentos, porém, não sejam avaliações subjetivas; eles não apenas adicionam camadas emocionais – medo, alegria, raiva, tristeza, aconchego, desejo – a quaisquer estratégias de poder que possam estar em funcionamento. Ao invés disso, esses sentimentos são indicativos de poderosos processos de desterritorialização e reterritorialização que limitam, promovem ou reformulam as capacidades dos corpos agirem de formas específicas: uma cidade torna-se acessível, um movimento é contido, uma subjetividade é marcada como ‘delinquente’, uma oportunidade de investimento é criada, uma subsistência é destruída. A dimensão afetiva dessas mudanças poderosas em capacidades de agir adquire sua própria força constitutiva, pois o que provoca um bom

sentimento tende a ser afirmado, e o que provoca sentimentos ruins tende a ser evitado, conforme Espinosa nos ensina (o que não descarta dinâmicas complexas levando a uma afirmação do horrível ou tornando coisas inesperadas atraentes).

Também é importante considerar que os afetos não operam apenas em uma microescala. Os afetos que suportam a desterritorialização e a reterritorialização podem desdobrar-se a qualquer nível de composições de corpos, do indivíduo à sociedade, dos planos celular ao cósmico. Por exemplo, SHIRLOW e PAIN enfatizaram “as formas nas quais o medo é construído em diferentes espaços e diferenças escalas – a partir do corpo (o foco de muitos crimes), da moradia (onde as maiores violências acontecem), a localidade e os Estados-nação, aos processos globais como migração e conflitos que dão novas formas ao ‘medo’” (2003, p. 23). Sob o mesmo ponto de vista, PAIN e SMITH (2008) demonstraram como os medos que se estão multiplicando em contextos urbanos estão crescentemente conectados com uma escala geopolítica através dos discursos globalizados em torno do ‘combate ao terrorismo’. Se considerarmos tais *discursos* multiescalares em conexão com *as relações afetivas entre os corpos*, podemos começar a identificar os processos, práticas e territorialidades concretos que são dessa forma capacitados ou incapacitados. A limitação dos corpos através do medo em um certo nível pode se combinar com a expansão corporal em outro nível.

Por exemplo, os medos de uma ‘invasão muçulmana’ que tem proliferado entre alguns europeus brancos pode levar a limitações em relação à capacidade de agir de homens racializados que tenham sido representados como sexualmente agressivos – bem como de mulheres, quando elas acriticamente adotam essa imagem e evitam certos espaços da cidade. Em outro nível, esses medos podem perpetuar a hegemonia branca europeia sobre aqueles codificados como ‘outros’, instigando regimes múltiplos de exclusão e controle que persistentemente reterritorializam os espaços urbanos e nacionais (EL-TAYEB, 2011). As construções discursivas, tecnologias de controle e dinâmicas afetivas, então, interagem em várias escalas. Tornar-se resistentes em face de tais conjuntos multifacetados de poder, portanto, demanda a amplificação dos afetos não fóbicos que promovem outras desterritorializações e reterritorializações.

## **Discussão**

Neste artigo, propus uma cartografia afetiva que se distancia do foco prevalente no elo topofílica entre sujeitos e lugares, e em direção à identificação de relações entre desterritorialização e reterritorialização por um lado e modificações nas capacidades de agir por outro lado. Dada a tendência dos afetos de intensificar ou inibir os processos de desterritorialização e reterritorialização, os afetos podem ser entendidos como uma força constitutiva que está intimamente associada com as formações de poder. Podemos pensar nessa força como um conjunto de vetores que opera em uma multiplicidade de escalas, envolvendo não apenas os corpos físicos, mas também a semiótica, sons, imagens ou ideias (HUTTA, 2015). O resultado são paisagens afetivas complexas, onde alguns afetos são percebidos e amplificados e outros são ignorados ou suprimidos. Uma tarefa chave de qualquer cartografia afetiva crítica é então questionar as formas prevalentes de amplificar ou ignorar determinados afetos juntamente com seus processos associados de desterritorialização e reterritorialização – e mover-se em direção a outras articulações afetivas.

As relações entre afeto e desterritorialização ou reterritorialização são contingentes, como já argumentei. Não existe uma ligação essencial, por exemplo, entre território e aconchego; assim como não há uma essência autêntica de aconchego ou topofilia. Nesse sentido, a cartografia do aconchego que propus é primeira e principalmente ilustrativa. Ela indica, como o que pode parecer uma experiência autêntica dos sujeitos em relação ao espaço possa ser abordada como um dinamismo afetivo que está contingentemente associado com as relações de poder. Dessa forma, ao considerar as relações entre o dinamismo afetivo e o poder, meu objetivo foi contrabalançar a segmentação da investigação geográfica em apropriação subjetiva e simbólica (territorialidade) por um lado e dominação político-econômica ou controle (território) por outro lado. A ‘perspectiva integrada’ que foi então proposta neste artigo vai além de meramente adicionar ‘territorialidade subjetiva’ ao ‘território’ político-econômico. Ao invés disso, o objetivo tem sido se mover em direção ao entendimento de qualquer desterritorialização e reterritorialização como afetiva. Enquanto os afetos podem frequentemente ser sentidos pelos sujeitos, eles se desdobram como parte integrante de tais processos mais abrangentes.

A abordagem proposta vai na contramão da linha de discussões que tem seguido o caminho da teoria da modernização em sociologia, antropologia e ciência política. Os processos de formação do estado burocrático, industrialização ou fragmentação urbana tem

sido associados nessas discussões com o declínio das relações afetivas tidas como características da vida em comunidade. Mesmo os autores que desafiam os relatos simplistas de modernização e globalização como desterritorializações diretas de comunidades interligadas – e que também enfatizam novas formas de ‘multi’ e ‘transterritorialidade’ (HAESBAERT, 2004) – tem se baseado em concepções semelhantes de afetividade como o elo entre sujeitos e lugares. Carlos FORTUNA, por exemplo, compreende as ‘(micro)territorialidades’ como “modalidades de sociação articuladas em torno a valores, subjetividades e afetos” (2012 [resumo p. 199]). ‘Afetos’ são aqui abordados como ‘associações afetivas’ dos sujeitos, que são capazes de contrariar uma crescente fragmentação dos espaços urbanos ao fomentar novas territorialidades sociais. Da mesma forma, HAESBAERT (2004) se apoia em Robert Sack para observar que a sociedade moderna da América do Norte não está sendo apenas um espaço “frio e abstrato” mas também cria “contextos de afeto e significação” (p. 90). Ao mesmo tempo que essas escritas chamam atenção para a proliferação de novas formas de associações e comunidades sob condições de globalização, elas limitam sua concepção de afeto à associação ‘afetiva’ (no sentido de ‘carinhosa’) entre os sujeitos e ao elo topofílico entre sujeitos e espaços. No entendimento proposto por este artigo, em contraste, os processos de desterritorialização descritos enquanto o tornar-se-abstrato da sociedade podem ser vistos como inerentemente afetivos. Essa afetividade se mostra não apenas na emergência de novas comunidades afetivas, ou em afetos negativos – tais como medo – que podem estar ligados à ‘alienação’. Ao invés disso, a desterritorialização pode ser geradora de todos os tipos de afetos, incluindo os de prazer, assim como a alegria da capacidade de agir aprimorada.

Quando as relações entre afeto e desterritorialização ou reterritorialização são compreendidas como contingentes, isso também desafia a tendência oposta de localizar as políticas progressistas exclusivamente na *desterritorialização* – uma tendência que tem se manifestado em alguns dos engajamentos de Deleuze e Guattari na psicologia e antropologia (PASSOS et al., 2009; ROMERO e ZAMORA, 2016). Uma vez que, o que nós confrontamos são dinâmicas complexas de desterritorialização e reterritorialização que são associadas a articulações igualmente complexas de afeto. Que tipos de capacidades e relações de poder são dessa maneira reforçadas ou desestabilizadas depende do contexto concreto social e espacial no qual elas operam.

## Referências Bibliográficas

- AHMED, S. **The Cultural Politics of Emotion**. New York. Routledge, 2014.
- \_\_\_\_\_. Atmospheric Walls. Feministkilljoys, 2014. Disponível em <https://feministkilljoys.com/2014/09/15/atmospheric-walls/>.
- ANDERSON, B. Becoming and being hopeful. Towards a theory of affect. **Environment and Planning D: Society and Space**, 24 (5), pp. 733–752, 2006. DOI: 10.1068/d393t.
- \_\_\_\_\_. **Encountering Affect. Capacities, Apparatuses, Conditions**. Farnham: Ashgate, 2014.
- ANDERSON, B & HARRISON, P (orgs.). **Taking-Place. Non-Representational Theories and Geography**. Burlington, VT: Ashgate, 2010.
- ARAUJO, FGBd. 'Identidade' e 'território' enquanto simulacros discursivos. In: ARAUJO, FGBd & HAESBAERT R (orgs.). **Identidades e Territórios. Questões e Olhares Contemporâneos**. Rio de Janeiro: Access, 2007. Pp. 13–32.
- ARAUJO, FGBd & HAESBAERT, R (orgs.). **Identidades e Territórios. Questões e Olhares Contemporâneos**. Rio de Janeiro: Access, 2007.
- BACHELARD, G. **A Poética do Espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1998 [1957].
- BANNISTER, J & FYFE, N. Introduction. Fear and the City. **Urban Studies**, 38 (5-6), pp. 807–813, 2001. DOI. 10.1080/00420980123505.
- BAPTISTA, LA. Combates urbanos. A cidade como território de criação. In GUARESCHI, N (org.). **Estratégias de invenção do presente. a psicologia social no contemporâneo**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2008. Pp. 172-177.
- BATISTA, VM. **O medo na cidade do Rio de Janeiro. Dois tempos de uma história**. Rio de Janeiro: Editora Revan, 2003.
- BONDI, L; DAVIDSON, J & SMITH, M. Introduction. Geography's 'emotional turn'. In: DAVIDSON J, BONDI L & SMITH M (orgs.). **Emotional Geographies**. Aldershot, England: Ashgate, 2005. Pp. 1–17.
- BRINKEMA, E. **The Forms of the Affects**. Durham: Duke University Press, 2014.
- BROWN, S & STENNER, P. Being affected. Spinoza and the psychology of emotion. **International Journal of Group Tensions**, 30 (1), pp. 81-105, 2001.
- CALDEIRA, TPdR. **Cidade de Muros. Crime, Segregação e Cidadania em São Paulo**. São Paulo: Editora 34, 2000.
- CLOUGH, PT. The Affective Turn. Political Economy, Biomedicine and Bodies. **Theory, Culture & Society**, 25 (1), pp. 1–22, 2008. DOI. 10.1177/0263276407085156.
- CRESSWELL, T. **On the Move. Mobility in the Modern Western World**. New York, NY: Routledge, 2006.
- DELEUZE, G. **Espinosa. Filosofia Prática**. São Paulo: Escuta, 2002 [1981].
- \_\_\_\_\_. **Foucault**. São Paulo: Brasiliense, 2013 [1988].
- DELEUZE, G & GUATTARI, F. **O Que É a Filosofia?** São Paulo: Editora 34, 1991.
- \_\_\_\_\_. **Mil Platôs. Capitalismo e Esquizofrenia, Vol. 4**. São Paulo: Editora 34, 1997 [1980].
- DOWLING, E. Affect. In: FARRIS, S., SKEGGS, B & TOSCANO, A (orgs.). **Handbook of Marxism**. London: Sage, *forthcoming*.
- EL-TAYEB, F. **European Others. Queering Ethnicity in Postnational Europe**. Minneapolis, MN: University of Minnesota Press, 2011.
- ENGLAND, MR & SIMON, S. Scary cities. Urban geographies of fear, difference and belonging. **Social & Cultural Geography**, 11 (3), pp. 201–207, 2010. DOI. 10.1080/14649361003650722.
- FARIA, SdC. Família. In: VAINFAS, R (org.). **Dicionário do Brasil Colonial (1500-1808)**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. Pp. 216-218.
- FORTUNA, C. (Micro)territorialidades. Metáfora dissidente do social. **TerraPlural**, 6 (2), pp. 199–214, 2012. DOI. 10.5212/TerraPlural.v.6i2.0001.
- GAMMERL, B; HUTTA, JS & SCHEER, M. Feeling differently. Approaches and their politics. **Emotion, Space and Society**, 25, pp. 87–94, 2017. DOI. 10.1016/j.emospa.2017.07.007.
- GOODWIN, J; JASPER JM & POLLETTA F (orgs.). **Passionate Politics. Emotions and Social Movements**. Chicago: University of Chicago Press, 2009.

- GOULD, DB. **Moving Politics. Emotion and Act Up's Fight against AIDS.** Chicago: University of Chicago Press, 2009.
- GREGG, M & SEIGWORTH, GJ (orgs.). **The Affect Theory Reader.** Durham, NC: Duke Univ. Press, 2010.
- HAESBAERT, R. **O Mito da Desterritorialização. Do "Fim dos Territórios" à Multiterritorialidade.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.
- \_\_\_\_\_. Identidades territoriais. Entre a multiterritorialidade e a reclusão territorial (Ou. Do hibridismo cultural à essencialização das identidades). In: ARAUJO, FGBd & HAESBAERT R (orgs.). **Identidades e Territórios. Questões e Olhares Contemporâneos.** Rio de Janeiro: Access, 2007. Pp. 33–56.
- \_\_\_\_\_. A global sense of place and multi-territoriality. Notes for dialogue from a 'peripheral' point of view. In: FEATHERSTONE D & PAINTER J (orgs.). **Spatial politics. Essays for Doreen Massey.** Malden, Mass.: Wiley-Blackwell, 2013. Pp. 146–157.
- HARDT, M & NEGRI, A. **Commonwealth.** Cambridge, Mass: Harvard University Press, 2011.
- HUTTA, JS. Geographies of Geborgenheit. Beyond feelings of safety and the fear of crime. **Environment and Planning D. Society and Space**, 27 (2), pp. 251–273, 2009. DOI. 10.1068/d3308.
- \_\_\_\_\_. The affective life of semiotics. **Geographica Helvetica**, 70 (4), pp. 295–309, 2015. DOI. 10.5194/gh-70-295-2015.
- \_\_\_\_\_. From sovereignty to technologies of dependency. Rethinking the power relations supporting violence in Brazil. **Political Geography**, 69, pp. 65–76, 2019. DOI. 10.1016/j.polgeo.2018.11.008.
- \_\_\_\_\_. Affective territorialities in Brazil's current political conjuncture. A three-part essay. *Environment + Space*, 2019. Disponível em: <https://societyandspace.org/2019/04/11/affective-territorialities-in-brazils-current-political-conjuncture-i-political-affects/>.
- KOSKELA, H. 'Bold walk and breakings'. Women's spatial confidence versus fear of violence. **Gender, Place & Culture**, 4 (3), pp. 301–320, 1997. DOI. 10.1080/09663699725369.
- LEYS, R. The turn to affect. A critique. **Critical Inquiry**, 37, pp. 434–472, 2011.
- LORIMER, H. Cultural geography. Worldly shapes, differently arranged. **Progress in Human Geography**, 31 (1), pp. 89–100, 2007. DOI. 10.1177/0309132507073540.
- MAZZARELLA, W. Affect. What is it good for? In: DUBE, S (org.). **Enchantments of Modernity. Empire, Nation, Globalization.** London: Routledge, 2009. Pp. 291–309.
- MCCORMACK, DP. **Refrains for Moving Bodies. Experience and Experiment in Affective Spaces.** Durham: Duke University Press, 2013.
- MUSCARÀ, L. Heurística de Jean Gottmann. Um dispositivo psicossomático. In: SAQUET, MA & SPOSITO, ES (orgs.). **Territórios e Territorialidades. Teorias, Processos e Conflitos.** São Paulo: Expressão Popular, 2009. Pp. 37–56.
- NAY, YE. The atmosphere of trans\* politics in the Global North and West. **Transgender Studies Quarterly**, 6 (1), pp. 64–79, 2019. DOI: 10.1215/23289252-7253496.
- PAIN, RH. Social geographies of women's fear of crime. **Transactions of the Institute of British Geographers**, 22 (2), pp. 231–244, 1997.
- PAIN, R. & SMITH, SJ. Fear, critical geopolitics and everyday life. In: PAIN, R. & SMITH, SJ (orgs.). **Fear. Critical Geopolitics and Everyday Life.** Aldershot: Ashgate, 2008. Pp. 1–24.
- PASSOS E, KASTRUP V & ESCÓSSIA Ld (orgs.). **Pistas do Método da Cartografia. Pesquisa-intervenção e Produção de Subjetividade.** Porto Alegre: Sulina, 2009.
- PUAR, JK. **Terrorist Assemblages. Homonationalism in Queer Times.** Durham: Duke University Press, 2007.
- \_\_\_\_\_. 'I would rather be a cyborg than a goddess'. Intersectionality, assemblage, and affective politics. *Transversal*, 2011. Disponível em: <http://eipcp.net/transversal/0811/puar/en/print>.
- ROMERO, MLD & ZAMORA, MH. Pesquisando cidade e subjetividade. Corpos e errâncias de um flâneur-cartógrafo. **Psicologia em Estudo**, 21 (3), pp. 451–461, 2016. DOI. 10.4025/psicoestud.v21i3.29787.
- ROSE, G. **Feminism and Geography. The limits of Geographical Knowledge.** Cambridge: Polity Press, 1993.

- SAQUET, MA. Por uma abordagem territorial. In: SAQUET MA & SPOSITO ES (orgs.). **Territórios e Territorialidades. Teorias, Processos e Conflitos**. São Paulo: Expressão Popular, 2009. Pp. 73–94.
- SAQUET, MA & SPOSITO, ES. Apresentação In: SAQUET MA & SPOSITO ES (orgs.). **Territórios e Territorialidades. Teorias, Processos e Conflitos**. São Paulo: Expressão Popular: 2009. Pp. 11-15.
- SEIGWORTH, GJ & GREGG, M. An inventory of shimmers. In: GREGG M & SEIGWORTH GJ (orgs.). **The Affect Theory Reader**. Durham, NC: Duke Univ. Press, 2010. Pp. 1–28.
- SHARP, J. Geography and gender. what belongs to feminist geography? Emotion, power and change. **Progress in Human Geography**, 33 (1), pp. 74–80, 2009. DOI. 10.1177/0309132508090440.
- SHIRLOW, P & PAIN, R. The geographies and politics of fear. **Capital and Class**, 80 (Summer), pp. 15-26, 2003.
- SOUZA, MLd. **Fobópole. O medo generalizado e a militarização da questão urbana**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.
- \_\_\_\_\_. ‘Território’ da divergência (e da confusão). Em torno das imprecisas fronteiras de um conceito fundamental. In: SAQUET, MA & SPOSITO ES (orgs.). **Territórios e Territorialidades. Teorias, Processos e Conflitos**. São Paulo: Expressão Popular, 2009. Pp. 57–72.
- SPELMAN, E. Anger and Insubordination. In: Garry A. & Pearsall, M. (orgs.). **Women, Knowledge, and Reality. Explorations in Feminist Philosophy**. Boston: Unwin Hyman, 1989. Pp. 263-273.
- SPOSITO, MEB & GÓES, EM **Espaços Fechados e Cidades. Insegurança Urbana e Fragmentação Socioespacial**. São Paulo: UNESP, 2013.
- THRIFT, N. Intensities of feeling. **Geografiska Annaler**, 86 B (1), pp. 57–78, 2004.
- TUAN, Y-F. **Landscapes of Fear**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1979.
- \_\_\_\_\_. **Topofilia. Um Estudo da Percepção, Atitudes e Valores do Meio Ambiente**. São Paulo: Difel, 1980 [1974].
- VALENTINE, G. The geography of women’s fear. **Area**, 21 (4), pp. 385–390, 1989.
- WETHERELL, M. **Affect and Emotion. A New Social Science Understanding**. Los Angeles, London: Sage, 2012.
- ZIBECHI, R. Territórios em Resistência. Cartografia política das periferias latino-americanas**. Rio de Janeiro: Consequência, 2015.